

# A Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

## ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis  
Com estampilha..... 600 »  
Fóra do reino acresce o porte do correio.  
Pagamento adiantado.  
Anunciam-se obras litterarias em 4.º e 5.º de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

## DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

## PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.  
Anuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Anuncios permanentes, 5 réis.  
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.  
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 21 de dezembro

## A nossa decadencia

Portugal, o gigante, o inconquistavel, o glorioso Portugal d'outra ora vem a caminho da maior decadencia em que o vemos de ha quatro annos até hoje, sem que uma nova e patriótica reorganisação dos nossos primeiros homens o levante, para brio, dignidade e dever sagrado d'aquelle que se envaidece de ser portuguez!

Essa decadencia, porém, nada mais significa do que um esgarço atirado ás suas gloriosissimas tradições, e a mais cruel das vergonhas para as nações estrangeiras que, n'essas epochas doiradas e remotas, tanto culto e veneração lhe prestaram.

Portugal desde 1889, desde essa negra data que não fenecerá da nossa memoria, para mais avivar a dôr e a saudade; Portugal, dizemos, tem descido consideravelmente, do pedestal da sua opulencia, do seu orgulho, e da sua soberania, outra ora tão solido em que era tido e como foi!

Presentemente, — talvez possamos dizer — presentemente, a patria agonizante ainda se vae equilibrando, auxiliada pelo amor verdadeiro e intenso que alimenta grande parte dos seus filhos.

Porém... que esperanças poderíamos conceber, que milagre enviaria a Providencia para levantar a nossa patria do caminho do precipicio: que o restaurasse de tantas e tão largas quebras que a terrivel fatalidade de braço dado com o desleixo dos nossos modernos governantes, causaram?

Nada poderá salvar-nos, nada?

Triste, mas com verdade, ninguem pôde vacillar em dizer:—Nada, sim, nada!

Amplifiquemos mais; desabafemos ao menos, que é este o unico allivio do portuguez.

E' firme crença de muitos que, se um tumulo não co-

brisse os ossos d'esses homens que foram d'uma fulgurantissima intelligencia, tacto, observancia; de um amor patrio arreigado quanto pôde ser; d'esses homens illustres, cuja memoria é immortal; que serviram o seu paiz com denodado valor e prestigio; que foram insubstituiveis; esses homens finalmente, como Passos Manoel, Saraiva de Carvalho, Rodrigo de Magalhães, Marquez de Pombal, José Estevam, Fontes e muitos outros, se vissem, não deixariam Portugal cahir de chofre e na tão curta medição de tempo, no precipicio, em um estado quasi moribundo como é facil e pungente para a nossa alma observar.

A decadencia da patria querida deve-se, na maior parte, á inacção e abandono dos ultimos homens que nos tem governado.

Quem o poderá contestar?

Os governos do tal *extrapartidarismo* tem levado o paiz a um estado verdadeiramente desolador; e o ultimo, esse que hoje está á sua frente, sob a presidencia do *salvador*, sr. José Dias Ferreira, termina por o collocar nas mais complicadas situações.

E comtudo, de nada serve o brado geral e indignado de todas as partes do paiz, que reclama a sua prompta e muito necessaria demissão.

Esse gabinete infeliz conserva-se ainda, apparentando muita vida, muita auctoridade, e, pelo que referem os jornaes que mais privam com elle, parece que o veremos em pleno parlamento a receber os ataques violentos, quando forem pedidas e bem demonstradas todas as graves responsabilidades que lhe peçam!

Mas ahí, no campo da mais accesa lucta, o governo, do sr. José Dias, tem de cahir fatalmente.

A nossa decadencia está prestes a chegar ao seu maior auge.

E' urgentissimo que um outro governo não se faça demorar muito para, servir ao menos, de barreira ao po-

bre paiz que sossobra dia a dia.

Isto assim não deve nem pôde continuar.

O sr. Dias Ferreira, ha muito que devia largar o ministerio, já que tão desgracadamente provou que é inepto para gerir os negocios do estado.

Rebater o contrario seria loucura.

Os factos assim o demonstram.

## IDEIAS DIVERSAS

XV

## MANIAS VELHAS

O sr. Fragateiro, pedindo-nos paz e compaixão com o silencio no seu *independente Povo d'Ovar*, veio domingo com um artigo de sensação em que tratava de aconselhar o futuro municipio de, entre outras coisas, dar morte completa á nossa matta que—affirma elle—em vez de augmentar prejudica, attentos os roubos diarios que a maior vigilancia não poderia impedir.

Os mais fortes desejos d'este futuro vereador foram sempre estes: ver a pobre e inofensiva matta sem sombra!

Que velhas manias!

Pois n'esse caso, no dia 1.º de janeiro, em seguida á entrada para a infeliz camara dos seus novos representantes, peça o sr. Fragateiro a palavra, e clame com enthusiasmo: sr. presidente (antes d'isso beba meio copo d'agua), sr. presidente!

A primeira medida a adoptar para bem da nossa terra é a de se derrubar os malditos e velhos pinheiros que fazem desfálque grande no cofre, sem termos precisão d'isso.

Abaixo com elles, portanto.

Appoiado!—deve ser esta a palavra que os demais vereadores deverão soltar, que é o mesmo que dizer: Vá feito, vá feito!

Este sr. Fragateiro sempre tem manias!

E n'uma local incerta no mesmo *independente Povo d'Ovar* continúa a dizer que era convenientissimo na nossa terra um Monte-pio; e que elle não teria duvida em coadjuvar a mocidade esperançosa que deve ser a iniciadora do mencionado melhoramento, etc.

Ora diga-nos, muito em segredo, o sr. Fragateiro:

Quem é que poderia ter confiança nos seus promettimentos?

Não o conhece já e sobejamente Ovar inteiro como homem sem firmeza?

Que o diga a politica em que o sr. Fragateiro se embrenhou e na qual anda sempre, como o *salto*: agora no campo progressista; amanhã no regenerador; agora no republicano; amanhã no socialista, etc.

O sr. Fragateiro ha de se certificar radicalmente de que não tem prestigio.

A sua vida passada é o seu eterno tormento; é a causa unica que o impedirá de ser em Ovar um «rei».

A sua vida passada, dissemos nós?

Falta-nos accrescentar a palavra—politicamente.

Veja que amabilidade a nossa!

Concluimos, repetindo:

Este sr. Fragateiro sempre tem manias!

## SECÇÃO LITTERARIA

### REFORMA

Comecemos pela composição da palavra, segundo Roquette (dicionario de).

*Re*—preposição que anteposta aos vocabulos indica repetição.

Ex.—tirar, retirar—tirar duas vezes.

*Fôrma*—substantivo feminino que, philosophicamente, significa disposição exterior das partes da materia que constituê differença entre as especies; figura, molde, typo, modo.

*Reforma*—substantivo feminino, significando disposição nova, acto de reformar, reformação, mudança em melhor, nova provisão para supprir o consumido, demissão honesta do serviço, com algum soldo sem exercicio.

Então se é mudança para melhor, se é nova provisão para supprimento do que está gasto, é a reforma sempre boa?

Nem sempre.

Ora essa?!

E' o que lhes digo, senão, exemplifiquemos.

*Rebem*—(Roquette, o diz) como adverbio, quer dizer, duas vezes bem, muito bem. Como substantivo masculino, é o açoute com que o comitre azorruga os forçados, o que se entende por duas vezes mal, muito mal...

Mas isso não vem ao caso... Se reforma, é aquillo que diz Roquette, é magnifica sempre uma reforma. Nem sempre.

Ora vejamos: *Re*—para repetir. *Fôrma*—typo—Temos, pois, reforma ou *retypo*.

*Retypo*—duas vezes typo identico; typo com duas caras; personalidade feita de dous seres semelhantes; um corpo que são dois gemeos; um coração que tem dois sentimentos, diversos, a um tempo; um enigma com duas decifrações oppositas; um Eden com o bem e o mal na mesma arvore da vida. Logo, a reforma não é só mudança para melhor, pôde ser tambem uma provisão de mal com uma mascara, sorridente, de bem.

Mas, diga-me, *pater magister*, o que será quando se trata da reforma de qualquer serviço sobre que domina um *alto poder d'Estado*?

E' uma provisão para supprir o consumido?

Quasi nunca; e antes, é fazer do consumido e estranho um válido em prejuizo dos que tem seus direitos adquiridos, em prejuizo de todos, homens e nação.

E' mudança para melhor? Não, senhor. Repare no que lhe digo.

Então, que vem a ser a reforma? D'ordinario é uma operação de diminuir no ordenado dos *pequenos*, e muitas vezes, tambem, dos *grandes*, que deixa, aquelles, aberta a porta da mendicidade ou da *raiteza*, e uma multiplicação de factores, cujo resultado dá um titulo cathorico, uma classificação tão extensa, tão pyramidal, tão incommensuravel, tão unica, que, só vel-a debaixo de qualquer nome, provoca o riso, tão ridicula é.

Ora adeus. Se é só isso, batatas.

Só isto?! Não. E' o trabalho dos que trabalham feito ouro, e o ouro é o alpha e o omega d'estes mundos sublunares onde se descobrem os logarithmos, que entra nos cofres do Estado, e por isso, uma economia. Ah! muito bem, muito bem. A reforma é uma grande cousa.

Vivam os reformadores! Vivam os apontadores-amanuenses de todas as classes!

M. Legnar.

## O ULTIMO ADEUS DO MENDIGO

(AO EX.<sup>MO</sup> SR. CARVALHO MIRANDA)

## I

Era noite d'inverno densa e tenebrosa;  
D'espaco a espaco, ao longe, a ronca trovoadã  
Cantava a formidavel e horrenda ballada  
Da sua conjectura funesta e p'rigosa.

Além, por sobre a rocha solida e escabrosa,  
O vento reverb'rava em lugubre toada,  
Lembrava uma estridente e forte gargalhada  
Nos alcantis pairar, enorme e estrepitosa.

A noite era um inferno! Um vasto mar ingente  
De chuva refervia no abysmo do val,  
Como a lembrança d'outro diluvio imminente...

Um raio lampejou. Como os genios do mal,  
Abraçavam-se as nuvens; e a fria torrente  
Deixava o serro nú da montanha fatal...

## II

Avistava-se alli, aos pés da penedia,  
Uma pobre choupana, uma euvia escura  
Onde a miseria habita ao pé da sepultura,  
Um antro sem igual exposto á ventania!

A um canto a fria enxerga, o leito da agonia;  
Existia lá dentro a negra desventura;  
Já prestes a voar á celestial altura,  
Um infeliz mendigo, afflicto, reflectia

Tinha uma filha só: um anjo de bondade,  
Um sublime poema de candura feito  
N'um sonho do Senhor pelas mãos da piedade;

Uma alma digna em tudo d'affecto e respeito...  
E quizera, ao transpôr o umbral da eternidade,  
Cingil-a na estreiteza inerte de seu peito.

Porto—1892.

Jayme T. Cirne de Magalhães.

## ALQUIAZES D'ALTAMALA

Manéca, o meu ex-freguez, não ficou satisfeito da obra confeccionada n'esta officina. Prefere, diz elle, uns sapatos de couro branco e salto á prateleira, solaria dupla tauxiada, feitos pelo meu collega de S. Gens, ou das Caldas, aliás bons mestres, e escovados delicadamente por uma altura de dous palmos de lama, escova que a ex.<sup>ma</sup> camara d'esta terra, *sancta sanctorum*, distribue gratuitamente, mau grado de muito particular e do publico em geral, por esses caminhos fóra, a exemplo do que se observa desde o Allivio á estrada districtal, onde os passeantes que são apologistas da conhecida e vulgar graxa—portuguesa—para o seu calçado, saltitam por sobre as pedras soltas do muro que delimita o caminho, fazendo ás vezes magnificos *tours* d'equilibrio, para eximir esta e o physico do contacto d'aquella. O Manéca gosta d'isso.

Que, os que se não dão bem com taes confecções proprias do abandono dos que tem obrigação de zelar pelos interesses e progresso material dos povos, e pela commodidade da sociedade em geral, se arranjam com a ex.<sup>ma</sup> camara. A muitos não importará a lama, o lixo, o entulho, a podridão que vae por esses caminhos, mórmente dentro da villa, porque tem os seus rocins em que cavalgam e mercê dos quaes, ainda que agarranados, ajustados, passam, áquella altura relativa, por vezes, incolumes; mas aos outros que andam e labutam constantemente na rua por necessidade, que não tem esses magicos transportes porque lhes mingam rendas que lh'os permittam sustentar, muito custará e muito se indignarão. Aguentem-se, porém, no balanço, ou venham sortir-se aqui d'alquiazes de força para impedir, ou, ao menos, bramar contra taes despresos. A ex.<sup>ma</sup> camara não lhes levará a

mal isso. Eu conheço-a. Ella sabe, e sabe bem, o desarranjo das estradas comarcãs; ella conhece, e conhece de sobra, a immundicie que vae nas estradas da cabeça de comarca; ella sente, sente e aspira de bem perto e desesperada talvez, o fedor que s'evola, por vezes d'esse tanque de *esguicho secco*, agua que não cara nos ficou a to, dos e que não basta para os bebedores habituaes da pharmacia. Ella sabe tudo isto, a finoria, mas calla-se, consente, atura, fecha os olhos, porque não tem casa na villa, porque não dorme lá, porque não bebe lá. Comer, come. Come lá. Isto é; na villa, e não no tanque, porque esse, infelizmente, nem sardinhas traz quanto mais lampreias fóra do tempo. Se lá está, é só por momentos; se entra ou sae, é sempre empoleirada no lombo dos seus cavallos. Pobre Alexandre Ribeiro! Desgraçada Maximina! O lombo de cavallo é muito saboroso! Praza a Deus que o não prefiram ao de porco, ou a corada gallinha! E assim vão as cousas enquanto bronzea mão, bem de bronze, não se dignar... Alto! A mão havia-a, mas não se resolvia. A mão ha-a, desceu. E' a reforma do ministerio das obras publicas, decreto de 5 do corrente...

Agora que se saiba que por aqui se precisa asseio e hygiene, obras e limpeza.

Ora digam-me: não é da competencia do municipio fazer observar as posturas relativas á chiadeira infernal dos carros dentro da villa? Porque existe a tolerancia em prejuizo do socego dos habitantes, da saude dos que estiverem enfermos, em prejuizo mesmo do poder municipal?

Eu não ataco aqui particulares, não. Censuro corporações que tem o dever e a obrigação de respeitar-se, impôr-se, mas tambem a de bem proceder e dentro da lei. Que hoje não ha lei! Hoje não ha direito! Lei e direito são o *amanhã* e o sempre incontestavel dos

mais fortes, mais ricos, e mais influentes. Peza-me bem de o conhecer. Não ha lei nem direito, até na poesia.

Que o diga o Maximo. Que o diga o Jayme. Aquelle diz que segue Guerra Junqueiro. Que é este o seu poeta. Que é unico. E', sem duvida. Unico no genero, unico na escola. Eu não sei apreciar-o, admiro-o. Admiro igualmente João de Deus. Um faz-me rir e torna-me um satanaz de bronze; outro faz-me chorar e metamorphoseia-me em scismador e triste.

O Maximo porém teima em que se deve desprezar a medição. O Jayme diz-se metreficador consummado e rigoroso, poeta segundo a arte.

Vejam as rimas d'elle:

Eu vi-te no trapezio langorosa e pallida,  
O amigo e doce oitlar, o corpo seductor;  
Vi-te, e logo em minha alma estremeceu—crysallida,  
Dóirado sonho d'um primeiro e casto amor.

Ora, bollas, sr. Jayme.

Faça versos com o concurso do Maximo, porque se o sr. põe syllabas a mais, elle tira-as e vice-versa. Devem entender-se bem. Sou até de parecer que se deve valer, uma vez por outra do *ultimo romantico*.

Macedo Papança tem coisas finas, por exemplo:

Faço hoje annos. Que triste isolamento!

Adeus amigos. Ah! ah! ah!  
Mirão, 20—12—92.

'Stroi.

## SUPPLICA

(A D. ALBERTINA ROZA DE FREITAS)

E' meu viver um tormento constante,  
Pois amo sem saber se sou amado;  
O meu peito anda sempre angustiado:  
D'alegria não tenho um só instante.

Lembro-me de ti a todos os momentos,  
Sentindo a dôr pungir-m'o coração;  
Quando é certo que está na tua mão  
Alliviar os meus padecimentos.

Dá, pois, ao pobre, que de ti implora  
A esmola d'um *sim* que o alente,  
S'prança de que possa brevemente  
Mitigar a dôr qu'hoje o devora.

Vicente Lobo.

## NOTICIARIO

## «Intelligencia e caracter»

Com este titulo, acaba de ser publicado um discurso proferido pelo distinctissimo e intelligente official inferior do regimento n.º 18 d'infanteria, do Principe Real, sr. Emilio Pimentel, por occasião da abertura da escola d'aquella corpo.

Lêmos com prazer e attenção escrupulosa aquella pequeno livro, produzindo a sua leitura francas e agradaveis impressões no nosso espirito pelo rendilhado e ameno estylo e mais pela profundez do assumpto em que o sr. Pimentel se embrenhou.

Não está na nossa mão dar louvores a quem os não merece.

Não é portanto, elogio, mas sim inteira justiça, dizermos que o livro que temos presente é precioso e d'um subido valor, especialmente para o nosso exercito que não deixará de o lér.

Foi muito feliz o sr. Emilio Pimentel ao apresentar no mercado das letras a sua primeira produção scientifica que bem o honra e pela qual o felicitamos, nós que o conhecemos muito de perto e de ha annos como estudante, que ainda é; e conhecemos tambem a applicação e vontade excessivamente raras, coadjuvadas sempre pelo auxilio valioso da sua intelligencia.

Agradecemos como penhor de consideração, o exemplar que nos foi offerecido.

O producto liquido d'esta obra reverte em favor da officina de S. José, do Porto.

A' venda em todas as livrarias, kiosques e varios estabelecimentos d'aquella cidade. Preço 100 réis, sendo a edição de luxo.

## Natal

Quem deixará de visitar a loja do sr. Silva Cerveira, especialmente n'estas vespas do Natal?

Quem pretender doces finos de Lisboa, licôres finissimos e de diferentes especies, e vinhos finos velhos procure aquella casa que, em Ovar, não tem rival.

Chamamos a attenção tambem das nossas sympathicas leitoras para se sortirem de cartões de muitos e lindos góstos, de «Bóas-festas», que o mesmo Cerveira tem na vitrine na loja, da Praça.

Corram alli, porque alli encontra-se o que ha de chic, e tudo por preços que não escaldam.

Ao Cerveira, pois!

## De licença

Afim de passar alguns dias de licença em Rezende, partiu para aquella villa, na terça-feira, acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> esposa, o nosso respeitado amigo, o sr. Maximo Rangel, empregado nos caminhos de ferro do Minho e Douro, e intelligente collaborador do nosso jornal.

A'quelle nosso amigo desejamos saude e muitas distracções.

## Sentimos

Tem estado ha bastantes dias enfermo o sr. João de Pinho Valente Carlôta, da rua do Bajanco. Sentimos e desejamos rapidas melhoras.

## Estabelecimento recommendavel

O sr. Antonio Ribeiro—o Chôta tem á venda no seu estabelecimento, na rua dos Ferradores, um grande sortimento de tamancos para ambos os sexos, de diferentes e lindissimos gostos.

Este inverno chama o nosso povo a estas casas, e a do nosso amigo Chôta deve ser concorrida bastante, pois auffer todas as condições exigidas.

Ao nosso publico recommendamos aquelle estabelecimento.

## Partida

Vae já a caminho da Africa (Loanda) o nosso amigo José Maria Rodrigues Figueiredo, onde se empregará no mesmo ramo que em Ovar seguiu no commercio.

José Figueiredo, veio despedirse de nós no domingo, partindo para a capital na segunda-feira, no comboyo da noite.

A'quelle bellissimo rapaz auspiciamos-lhe por aquellas regiões africanas um porvir venturoso; e oxalá em poucos annos o vejamos no seio da extremosa familia a que a desfavoravel sorte o acaba de arrancar, assim como no convívio dos seus innumerados amigos que sentem como nós a sua ausencia.

D'aqui enviamos ao expatriado um sincero abraço, retribuindo por este meio a honra da sua visita, em que nos apresentou as suas despedidas.

## Chronica do Tribunal

No dia 14 apresentaram-se no tribunal, humildes como cordeiros, mas Deus sabe com que vontade, os snrs. Antonio Coelho, Antonio Francisco Rodrigues e Manoel Custodio, todos da freguezia de Maceda, afim de responderem qual razão ou razões que os levaram a fazer do corpo do sr. Manoel Ferreira da Silva, de Cortegaça, um tambor de feira.

Lá pelos modos entrou n'esta questão... o sexto mimoso!

Por isso, feitas todas as declarações defensivas e accusatorias, o sr. juiz mandou para a *chêna* o primeiro réo por trez dias, pagando as custas e sellos dos autos; e os outros dois foram felizes: tiveram absolvição.

Um conselho nosso: não continnem.

—No dia 16, por cauza d'um roubo na matta municipal, feito por João Leite Brandão e cunhado Manoel d'Aguar, responderam estes senhores em policia.

O réo Brandão apanhou só oito dias de multa a cinco vintens por dia e o seu cunhado foi para a rua.

Pezamos ao primeiro, e parabens ao segundo.

—No dia 17 apresentaram-se ao sr. juiz, Joaquim Diogo, José Maria e Maria Pereira de Jesus da Estação. Os réos eram accusados de transgressão; e o primeiro e a Maria de Jesus, de ameaças na pessoa de José Alves, assentador da linha ferrea.

Conclusão:

O Diogo teve dez dias de *cassifre* e 3\$300 réis de multa, José Maria, 3\$000 réis e a Marquinhas foi absolvida.

## Dr. Almeida Medeiros

No proximo numero do nosso jornal, teremos a honrar em extremo as suas columnas, a collaboração distincta do sr. dr. Lourenço de Almeida e Medeiros, d'esta villa.

Com prazer, felicitamos os nossos leitores pela entrada para a *Folha d'Ovar* do sr. dr. Medeiros, um jornalista antigo, pensador vigoroso e auctorisadissimo que é conhecido como tal pela sua collaboração em muitos e conceituados periodicos das capitães.

A collaboração para o nosso semanario do sr. dr. Medeiros será variada.

## A' caridade publica

Recommendamos Roza Netta, da rua de S. Miguel, que se acha rodeada de filhos e na maior miseria, vendo-se gravemente enferma ha bastantes semanas.

## Companhia acrobata

Foi rir até rebentar a barriga, no domingo, á tarde, com a tal companhia acrobata que permanece n'esta villa, ha uma semana.

Pois, caros leitores, o demo das duas artistas trabalham regularmente; e os petizes tem «espirito» de fazer encavacar um parceiro acostumado a coisas de rir.

E' verdade. O povinho afficionado não deixou o largo da Praça, no domingo, como o empregario da companhia havia dito na segunda-feira penultima.

Na noite d'esse dia a mesma companhia deu um espectáculo no nosso theatro. Em logar competente tratamos do seu desempenho.

## Recita

A companhia de dançarinos de corda que tem continuado n'esta villa, os seus trabalhos, no largo da Praça, em determinados dias, deu no domingo, no nosso theatro, como annunciou, um variado espectáculo que rompeu pelas engraçadas comédias «O Tio Matheus» e «Ressonar sem dormir», seguindo-se a estas a antiga e entusiastica operéta em dois actos «O Processo do Rasga», e fechando pela cançoneta «Os negritos».

Fazendo uma critica por alto do desempenho, merece o nosso applauso a primeira comédia que de principio até final foi bem desempenhada, com especialidade pela artista cujo nome não precisamos e que, em trajes de rapaz, desempenhou com proficiência e muita graça o papel de fadista de Lisboa, sustentando sempre os espectadores em grossa e expontanea gargalhada.

Ao tal rapaz disfarçado—ao *Faneca*—couberam indubitavelmente todos os applausos.

Quem, de vez em quando, arrancou da frieza em que caminhava a comédia «Ressonar sem dormir» foi um rapazinho a quem foi distribuido o papel d'um soldado.

Em alguns momentos da recitação foi por vezes victoriado com grandes salvas de palmas, tal era o humor e a humoristica caracterização com que se apresentou em scena.

Só o demo do 39 da 8.ª companhia é que agradeu a valer, salvando a dita comédia.

Os dois actos do «Processo do Rasga» correram sensaborões; o sensaboricos ficariam os espectadores se os não viesse animar a cançoneta «Os Negritos», desempenhada por uma menina e dous pequerruchos que revelaram muita graça pelos seus trejeitos verdadeiramente comicos.

\* \*

A orchestra compunha-se de cinco musicos, faltando tres que o empresario da companhia havia convidado.

Nos *couplets*, e como era sentida a falta de flauta, ajudou-os o sr. Bonifacio da Silva, da philharmonica «Bôa-União» d'esta villa.

A concorrência foi muito diminuta, o que é para sentir, pois aquella pobre gente merecia todo o auxilio do publico.

A plateia foi sempre d'uma benevolencia provadissima, o que nos agradeu devêras e nem o contrario se devia esperar dos dignos cavalheiros de que ella se compunha.

\* \*

No domingo proximo a mesma companhia tenciona levar outro espectáculo n'este theatro, e que constará, segundo nos informam, de *Os Filhos da Republica*.

Cabe agora ao nosso bom e caridozo publico protegê-la, indo passar algumas horas da noite do Natal proximo ao theatro.

Ninguem falte; pois não terão de que se arrepender, rindo a bom rir, por 100 ou 200 réis.

Ao theatro sem demora.

## Ao «Povo d'Ovar» — A questão das musicas

Sem nos querermos envolver novamente n'esta pequena questão de musicas, já tão fastidiosamente discutida por nós e *Povo d'Ovar*; porém movidos, não por facciosa paixão que desde sempre observamos no nosso illustre collega, para com a philharmonica nova, mas sim firmes no esteio poderoso da

razão e da imparcialidade, vamos apreciar singelamente os commentarios que o mesmo collega apresenta em seguida a uma acta que publicou e que lhe foi enviada pela meza da irmandade do SS. Sacramento.

E começemos sem grandes e confuzas periphrases.

Antes de entrarmos nas apreciações, temos a notar que se para o collega estas questões são irritantes, para nós são muito mais, porquanto não temos sido os primeiros a levantar-a.

E' completamente inexacta a affirmação do collega quando diz que o sr. Antonio Maria Valerio prescindiu de metade dos affazeres que a meza da referida irmandade lhe offereceu.

Narremos pois, o que houve entre o sr. Valerio e alguns irmãos que fazem parte da meza, com muita cautella e verdade, para que o publico sensato e desapassionado que conhece esta questão, faça o seu juizo.

Ouçá-nos o mal informado e em tudo faccioso, presado collega.

No dia 27 do mez proximo passado, apresentaram-se em casa do sr. Valerio, o thesoureiro da irmandade, José d'Oliveira Thomé; Arnaldo Moura, secretario; e os mesarios, Manoel Ferreira Manguella e José Maria Valente; afim de lhe proporem metade dos affazeres, que foram accites. — Dia de Natal, segunda-feira do Senhor aos entevados e funcção do Senhor.

Ficaram por esta forma entendidos os festeiros e o sr. Valerio.

Por questões que não é difficil adivinhar, apresentou-se ao mesmo sr. Valerio, no dia 4 do corrente, José Maria Valente, compadre que, penalizado, disse que sentia ter de dizer que o contracto que havia feito com os seus collegas ficava sem effecto!

No dia 8 do presente mez, voltaram o thesoureiro e Manguella pedindo para que accitasse não sabemos que affazeres, ao que lhes foi respondido pelo sr. Valerio que estava pelo seu primeiro compromisso.

Vê o collega como se passaram os factos?

«Os motivos cuja importancia não pôde o collega avaliar», como refere, são os que acima apontamos.

Agradeu então ao *Povo d'Ovar* o procedimento imparcial da meza, offerecendo metade dos affazeres ao sr. Antonio Maria Valerio?

Como se entende essa imparcialidade?

Só ao collega é que lembra esses novos methodos de dizer que o pôdre é são!...

Quem poderá ignorar que a eleição d'essa irmandade foi feita á porta fechada, simplesmente para o fim de tirar os affazeres a cargo da mesma ao sr. Valerio? Quem?

Quem poderá ignorar que o presidente da mesa, rev.º Francisco Baptista, desde que se formou a philharmonica do seu cunhado, tem movido guerra vergonhosa e baixa contra o sr. Valerio?

Offerece-nos dizer ainda que essa acta que vem publicada no *Povo d'Ovar* não estava lavrada quando o sr. Valerio foi procurado para tomar conta de metade dos affazeres, ao que se comprometteu, tendo, passados dias, como dissemos, aviso contrario.

Quem deu taes ordens?

\* \*

Não venha o collega com um facciosismo que lhe é improprio ou devia ser, defender a meza da irmandade a que nos referimos, fazendo-se desconhecedor dos motivos principaes, justos e louvaveis porque o sr. Valerio se recusou.

E terminemos a questão, caris-

simo collega; ou quando a queira desenvolver o faça com imparcialidade.

Não nos movem interesses nenhuns para defendermos a philharmonica «Ovarense», já o dissemos.

Não a defendemos, nem atacamos; estamos, sim, e estaremos ao lado do seu regente, a quem animos pouco escrupulosos tem travado guerra cruel e que elle, o sr. Valerio, não merece.

Que haja affazeres para as duas philharmonicas, entende-se; agora que se tire aquelles que pertencem a uma ou outra, isso não.

Sem offensa, permita-nos que transcrevamos e apreciemos o seguinte que escreveu: «Considerando em perfeita egualdade de circumstancias as duas philharmonicas d'esta villa, etc.»

Alto lá, collega.

A respeito de musica, de apreciar musica, o articulista do *Povo d'Ovar* é um perfeito leigo.

Desculpe-nos, mas creia n'isto.

Egualar as duas philharmonicas d'esta villa só a um articulista muito faccioso ou muito escuro na arte é que se pôde tolerar.

Ficaremos por aqui e terminaremos, até, se aprouver ao illustre collega.

## CHRONICA

## O NATAL

Com a antecipação de dois dias, tenho a honra de enviar ás minhas leitoras queridas e amigos leitores as «boas-festas».

—E é com o adeantamento de dois dias que apresento os meus rasgados e sinceros cumprimentos aos freguezes das minhas chronicas, porque nenhum dia, a não ser o d'hoje, vem mais a geito. Sim, porque a *Folha*, prato variado de que se utilizam os politicos, os aficionados á litteratura, os charadistas e vós, vós sem duvida, patricias da minha alma! porque a *Folha*, como venho de referir, vê a luz do dia sómente ás quintas-feiras; e o dia do nascimento do Menino-Deus, que me ha de levar para a mansão celeste, é no proximo domingo.

Ahi está, portanto, o motivo por que me apresso, hoje, a enviar as «boas-festas».

\* \*

Satisfeito por este meio uma das obrigações sagradas que o regulamento dos chronistas exige, peço a vossa attenção e a tua—ó candida fada dos meus sonhos!—para o pedido que se segue.

A humanidade universal sabe que é praxe remotissima presentear-se no proximo Natal as pessoas amigas.

Eu que me prêzo, que tenho demonstrado sobejamente o quanto vos venero, idolatro e... aborreço—perdoae-me, bondosas leitoras!—e... detesto—perdoae-me outra vez, amigas verdadeiras! e... critico—mil perdões, cherubins immaculados!—e... mais nada, tomo a natural e franca liberdade de vos pedir uma lembrança, em troca das interesseiras «boas-festas» que *tenho a honra* de vos enviar!

Este pedido só tem força para aquellas das leitoras que de mim se esqueceram, ou fizeram esquecidas, no passado dia de S. Simão, em que passei o meu primeiro anniversario natalicio, e cuja parte envie á freguezia toda por meio d'nma respeitossissima e amavel chronica.

Portanto, Venus d'esta Parvonia, ficas intimadas para até domingo tratardes de escolher, a vosso bel-prazer, prendas bonitas e modernas para o vosso *Jayme*, que tanto vos... detesta—al! que lá vou pa-

ra o caminho da verdade outra vez! —que tanto vos... vos... vos...

Só depois de ter o passaro na gaiola, bem fechado, só depois que as prendas estiverem em meu digno poder, é que eu accrescentarei a palavra que falta, seguidamente ao pronome pessoal de «vos» que tenho repetido.

Só então; e antes d'isso... nada de novo.

\* \*

Na outra quinta-feira é certa uma chronica minha que se destinará sómente a tratar da festa, na egreja, de como correu a procissão e quantas calcaduras offenderam o mimoso, e doce pé de v. ex.ª

Bravo! Isto é que é *ingraichar* as minhas leitoras!

Olhem que este subido tratamento não é lá para qualquer pessoa.

O trato de «ex.ª» só pôde ser confiado a barões e a baronezas! Como porém, elle hoje está tão baratinho no mercado do nosso Portugal, entendi compral-o para vol-o offerecer.

Ahi teem, v. ex.ª, minhas excelsas leitoras e presadas patricias, mais um *gabão* sobre as «boas-festas».

E digam agora que eu sou má-lingua.

Nunca o fui; as Pontes, esse encantador local das Pontes é testemunha; passae hoje por lá, em ranchos animados, e... perguntae-me!

Despeço-me de v. ex.ª até quinta-feira; as lembranças que não ficam só na lembrança de v. ex.ª!

Jayme.

## CORRESPONDENCIAS

Porto, 19 de dezembro

Gomes Dias:

Tens procurado fazer de mim um escriptor á altura do teu jornal, onde illustres nomes collaborem, mas eu sou ainda hoje, como sempre, um rombudo lapis n.º 2 fabrico de Johann Faber—que não escrevo coisa que se entenda, e que, se a escrevo, me condemno á implacavel borracha da critica. Agradeço o teu empenho, mas cre que se me torna impossivel acostumar-me, dedicar-me a isto, de molde a ser aproveitavel. Mórdo-me d'inveja quando vejo escriptos litterarios da ex.ª D. Albertina, do Ivo Sereno e d'outros, mas tanto vale... E' inveja e não incentivo. Depois, e d'ordinario, além de não poder figurar egualmente como aquelles, nada tenho que noticia aos teus leitores, que sabem tudo que lhes digo muito antes de mim.

Logo, um outro defeito. Sou um retrógrada infame. Não dou um passo além d'este circulo vicioso em que giro constantemente. E se o dou é para n'elle cair breve, desanimado e estúpido por defeito e por excesso. Como, porém, tu teimas, como tu desejas que eu escreva, vou provar-te que sou incompativel com o teu ideal.

Vais vêr:—O Porto, continua sendo a mesma cidade das tripas que eu conheço e calco já ha uns bons 22 annos. De *nobre*, nada lhe encontro; de *invicta*, muito menos. Deixemos porém viver esses dois adjectivos eternamente accorreatos ao nome proprio da segunda capital do reino, como se vivessemos n'aquelles primeiros annos que decorreram em seguida á convenção d'Evora Monte, e expliquemos outra cousa.

Eu disse, *calco* e *conheço* ha uns bons 22 annos. Não imagineis porém os leitores benevolos

essa a minha idade. Provinciano d'origem, atirado para os collegios d'esta terra aos cinco d'idade, creio, e tu farás bem em affirmal-o ás tuas esbeltas e amaveis leitoras, que sou um segundo tomo de Malthusalem.

Novo rumo. Consta-me, e oxalá não fique em *consta*, que os snrs. Augusto Maximo, Romeu da Silva e José Barbosa, vão fundar um jornal para defeza dos empregados publicos em geral. A causa é magnifica e os proprietarios rapazes de vontade. Auguro lhes feliz carreira. Se esta noticia te não basta, permite que feche a correspondencia desejando-te e aos meus carissimos leitores, alegres e felizes *Festas*.

M Legnar.

## Cartas d'algures

Amigos leitores:

Cá temos em scena, cada vez mais *satyrico*, o meu carissimo... Possidonio.

Depois d'uma ausencia de quinze dias, apresenta-se mais *correcto* e *augmentado*, pedindo desculpa de ter dado *gazeta*.

Sim, está desculpado homem de Deus.

Segue, depois com uma catalinaria á minha humilde pessoa, que me deixa a *escorrer sangue!*

Imagina, talvez, o *safardana*, que a peçonha com que me quer manchar, me atinge, não se lembrando que para esmagar as *viboras*, ha sempre o bico da bota. A sua linguagem, que parece de *ca-traeiro*, ou de *fadista* lá dos bairros d'Alfama, é talvez a usada nos *cafés de lépes* por elle e mais a sucia de... *moleques* que o acompanham.

Descança, porém, ó grande... Possidonio, porque os teus *ataques* nem de leve me fêrem. A couraça de que me acho revestido, é de boa tempera, e os desinfectantes de que me encontro munido são assaz efficazes para combater os *miasmas putrefactos* que se exhalam dos teus *escriptos*.

A tua ignorancia, desgraçado, faz-te supôr, os outros tão ignorantes como tu; tomas-me por quem não sou, e dizes-me muito *ancho* que vá para uma mercearia ou para um cartorio...

Nem uma, nem outra coisa sou, fica o sabendo.

Sinceramente fallando, não deve a *Folha d'Ovar* desprezar-se de ter por companheiro o Catramillo, pois que o sr. Fragateiro em outros tempos já o teve como collega. Elle, que está intacto, afóra as *viradellas*, pôde declarar se sim ou não, isto é verdadeiro.

Por ultimo diz ao teu *amigo* e collega João Sincero que estude, porque emfim, pôde succeder que por occasião do exame, seja novamente *mimoseado* com *distincção* egual á do anno passado.

Em paz e ás mostas até breve.

Efe.

## Para quem gostar

N'um tribunal do jury: *O presidente (a um réo)*:—Outra vez você! Pois não tem vergonha de vir cá pela decima vez! *O réo*:—Ora essa! E o sr. juiz não vem cá todos os dias?

Annunciava-se uma exposição de quadros de assumpto biblicos.

Um velho pergunta a sua esposa que não tem ainda vinte annos:

—Minha querida, queres ir com-me a exposição?

*Jayme T. Cyt.* mostrarás

ANNUNCIOS JUDICIAES

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 1.º de janeiro proximo, pelo meio dia, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, vae á praça para ser arrematada por quem mais offerecer sobre a avaliação, na execução de sentença que Joaquim Fernandes da Silva, de S. Vicente, e outro, movem contra João d'Andrade e Pinho, auzente no Brazil, e Manoel d'Andrade e Pinho, de S. Vicente, ambos solteiros; a seguinte:

PROPRIEDADE

Uma propriedade de cazas terreas, parte d'ellas com soto, quintal e mais pertenças sita em Cassemes, freguezia de S. Vicente, allodial, a partir do norte e poente com Rôque d'Oliveira, sul com a estrada, e nascente com José Pereira de Pinho, avaliada em 192,500 réis.

Pelo presente são citados os credores incertos.

Ovar, 7 de dezembro de 1892.

Verifiquei

O Juiz de Direito,  
Salgado e Carneiro.  
O Escrivão,  
João Ferreira Coelho.  
(68)

EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No Juizo de Direito da comarca d'Almada, escrivão Cerqueira, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação do respectivo annuncio, citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito a oppor-se á justificação deduzida por Dorothea Rosa d'Oliveira Feijão Santos, casada com José Joaquim dos Santos, residentes em Cacilhas, que pretende habilitar-se unica e universal herdeira de seus paes Francisco José de Oliveira Feijão e Alexandrina Rosa de Freitas, que depois de casada usou o nome de Alexandrina Rosa d'Oliveira Feijão, fallecidos *ab intestato*, elle em 2 d'agosto ultimo e ella em 26 de dezembro de 1891, em sua casa sita em Cacilhas, sem que deixassem outros descendentes além da justificante, para todos os effeitos legais e de direito e especialmente para, na Junta do Credito Publico averbar em seu nome uma inscripção do valor nominal de 500,000 réis com o numero 11 d'aliquizes de pertença, impedir, ou, ao menos, áq. mar contra taes despresos. A ex.ª camara não lhes levará a

veira Feijão. Qualquer opposição deve ser deduzida até á terceira audiencia do Juizo de Direito da comarca d'Almada, posterior á segunda depois do prazo dos editos, em que a citação ha de ser accusada, devendo depois ser julgada conforme o direito a requerida habilitação.

As audiencias n'aquelle juizo fazem-se em todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, ou nos dias immediatos se algum d'aquelles fôr sanctificado, pelas 10 horas da manhã, no respectivo tribunal, situado na Praça de Camões.

Ovar, 10 de dezembro de 1892.

Verifiquei,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Antonio dos Santos Sobreira.  
(69)

ANNUNCIOS

Productos recommendaveis

DA

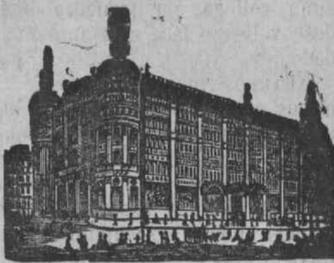
Pharmacia Zagallo de Lima

PRAÇA, 63

Emulsão d'oleo de figados de bacalhau com hypophosphitos de cal e soda.

Preço, 400 réis.

Pós de carvão e quina com essencia de hortelã pimenta. Preço da caixa, 100 réis.



GRANDES ARMAZENS DO

Printemps

NOVIDADES

Envia-se gratis e franco

o catalogo geral illustrado contendo todas as novidades para a ESTACAO de VERAO, a quem o pedir em carta franqueada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & C<sup>o</sup> PARIS

são igualmente enviadas franco as amostras de todos os tecidos que compõem os nossos imensos sortimentos, especificando-nos o melhor possível os generos e os preços.

CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:

TRAVESSA DE S. NICOLAU 102-1.

Todas as encomendas expedidas por intermedio da nossa casa reexpedidora de Lisboa são franco de porte até aquella cidade, seja qual for a sua importancia.

Para as outras localidades, as despesas de reexpedição são por conta dos nossos clientes.

As encomendas pedidas a Paris e acompanhadas de sua importancia, podem ser expedidas directamente ao endereço do cliente, em tantos volumes postaes, franco de porte, quantas vezes 50 francos se contiverem na factura.

Para outras explicações veja-se as condições d'expedição nos nossos catalogos.

ARMAÇÃO

Vende-se uma, toda enviada e quasi nova, com um bom balcão, de loja de fazendas.

Pode, quem quizer, dirigir-se á redacção d'este jornal que aqui se diz.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77 PORTO

PAPEL

De jornaes, formato grande para embrulho.

VENDE-SE

Ao kilo, a preço muito modico

Rua do Meio n.º 82—Porto

(Loja de encadernador)

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77 PORTO

N'esta officina, imprime-se bilhetes de visita a 160, 200, 240, 300, 360 e 400 réis.

BILHETES DE LUCTO

para agradecimento

Enviem-se pelo correio, a quem enviar a sua importancia adeantadamente.

CATALOGO DAS OBRAS

A VENDA NA

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77—PORTO

Dramas, comedias e scenas-comicas

- Cynismo, scepticismo e crença*, Cesar de Lacerda, comedia original em dois actos (1.ª edição) . . . . . 300
- O captivo*, (do mesmo auctor), canção original . . . . . 50
- Henriqueta, a aventureira*, (do mesmo auctor), drama em 3 actos, com o retrato da heroína e 4 gravuras representando as principais scenas do drama . . . . . 400
- Os homens que riem*, (do mesmo auctor), comedia em 3 actos . . . . . 400
- Homens e feras*, (do mesmo auctor), drama em 1 prologo e 3 actos . . . . . 400
- Os viscondes d'Algerão*, (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros . . . . . 400
- O poder do ouro*, por Dias Guimarães, drama em 4 actos . . . . . 500
- O Condemnado*, (do mesmo) drama em 3 actos e 4 quadros . . . . . 400
- Theatro comico—Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores*, (do mesmo auctor) . . . . . 400
- A Judia*, por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos . . . . . 400
- Magdalena*, (do mesmo auctor), drama em 4 actos . . . . . 400
- Helena*, (do mesmo auctor), comedia em 5 actos . . . . . 400
- No palco* (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume . . . . . 400
- Dá cá os suspensorios*, (do mesmo auctor), comedia em um acto . . . . . 100
- Villão, o fugitivo da cadeia do Porto*, (do mesmo auctor), comedia-drama em 3 actos . . . . . 200
- Ambos livres*, por Antonio de Sousa Machado, comedia em 1 acto . . . . . 100
- Os homens de bem*, por Antonio Correia, drama original em 5 actos . . . . . 300
- Tribulações d'um marido*, por João Coutinho Junior, scena comica original . . . . . 100

Contos e historias diversas

- O verdadeiro livro de S. Cypriano*, traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas . . . . . 500
- Arte para curar bois*, vaccas, borregos, porcos, cabras e outros animais . . . . . 60
- Malicia e maldade das mulheres e a malicia dos homens* . . . . . 40
- Historia dos tres filhos*, ou o gato das botas . . . . . 20
- O noivado do sepulchro* (ballada) . . . . . 20
- Auto da Muito Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo*, conforme a escreveram os quatro Evangelistas . . . . . 60
- Auto de Santa Barbara*, virgem e martyr, filha de Dioscoro, genio, em que fallam Santa Barbara, tres pedreiros, Dioscoro, pai de Santa Barbara, um anjo, dous doutores, Marciano, um alcaide, e um anção . . . . . 40
- Acto intitulado Apartamento da Alma*, em que se contém duas obras admiraveis novamente dadas á luz:—A primeira contém uma pratica sentida entre o corpo e a alma, e a segunda o Rosario da Virgem Santissima . . . . . 40
- Auto de Santa Catharina*, virgem e martyr, filha do rei go do de Alexandria, em o qual se conta seu martyrio e glorioso fim . . . . . 40
- Auto do Dia de Juizo*, no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Caim, Abel, Dáilo, um vilão, um tabellião, um carneiro, uma regateira e um moleiro . . . . . 40
- Auto de Santo Aleixo*, filho de Eufemiano senador de Roma . . . . . 40
- Auto de Santo Antonio*, livrando seu pai do patibulo . . . . . 40
- O Judeu errante* (historia biblica) . . . . . 20

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquellos portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromtam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias, se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,  
Antonio da Silva Nataria  
Antonio Ferreira Marcellino.

Porto—IMPRESA CIVILISAÇÃO—Largo da Pocinha, 73-77

DENTES BRANCOS

Hygiene da Bocca.

A AGUA DE BOTOT

Conserva os Dentes, Fortalece as Gengivas, Refresca a Bocca.

Exija-se bem a Verdadeira Agua de Botot.

DEPOSITO GERAL: 17, Rue de la Paix, PARIS.

ANTIGAMENTE: 229, Rue Saint-Honore

VENDE-SE EM TODAS AS PERFUMARIAS.

Peça-se tambem o Vinagre de Toucador, marca Botot, superior como delicadeza e perfume.

Que direito! nhã e o se